

Maílson: se houver retaliações, o rumo das negociações pode mudar.

O Brasil pode contar com o apoio do governo norte-americano nas negociações com seus credores públicos e privados, mas continua sem saber se sofrerá sanções por sua política de informática.

E isto que o ministro Maílson da Nóbrega concluiu de uma conversa de hora e meia (25 minutos a sós) com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. Ele não quis antecipar o que o Brasil fará, se sofrer as sanções comerciais norte-americanas, mas deixou subentendida uma ameaça: elas poderiam afetar o processo de renegociação da dívida com os bancos.

"Decidimos não discutir o passado, mas o futuro", contou o ministro sobre seu encontro com Baker. E acrescentou: "Tenho a sensação de que há uma boa vontade enorme por parte do Tesouro americano em ajudar o Brasil na obtenção de um bom acordo no âmbito do Clube de Paris".

— O secretário disse que ia ajudar? — perguntou um repórter.

— Ficou claro isso. Uma vez firmado um acordo com o FMI, nós teremos aberto o caminho para um bom acordo com o Clube de Paris.

Pelo cronograma de trabalho do ministro Maílson da Nóbrega, o texto do acordo com os bancos privados deverá ficar pronto até o final de março, quando poderão começar as negociações formais com o Fundo.

Corta prudência

O ministro espera que em junho os bancos participantes do pacote de médio prazo já tenham confirmado sua participação, e que o acordo com o FMI já esteja também concluído. Embora ele repita que os dois acordos sejam desvinculados, tudo indica que os credores só farão seus desembolsos se um acordo com o Fundo

estiver vigorando. Do seu encontro com o Eximbank japonês, Maílson concluiu que o dinheiro oferecido pelo Japão, no ano passado, só poderá ser pedido, e negociado, se o Brasil tiver acertado suas contas também com o Clube de Paris, "o que nos leva a ser prudentes nas estimativas sobre o fluxo de pagamentos". O ministro pensa mesmo em ir ao Japão, após encontrar-se com o vice-presidente do Eximbank japonês em Caracas, no final de março, durante a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O secretário do Tesouro, James Baker, gostou de ouvir Maílson da Nóbrega repetir o que vinha dizendo no Brasil: "Precisamos resolver domesticamente um grande problema, que é o controle dos gastos públicos, do déficit público, e da importância que atribuímos à normalização das relações financeiras do Brasil com os credores do setor público e privado".

Informática: segredo

Numa primeira avaliação, feita ontem diante de jornalistas, na Embaixada do Brasil em Washington, "a reação de Baker foi muito positiva: houve uma ampla concordância de que esse entendimento no Brasil (...) é apropriado e tem contribuído para uma substancial melhoria no relacionamento entre os governos brasileiro e americano". O secretário James Baker "mostrou que estava disposto a ajudar naquilo que fosse área de atuação dele", acrescentou o ministro Maílson.

A área dele abrange a informática. Vocês tocaram no assunto das sanções? — perguntou-lhe o Jornal da Tarde.

— En passant — disse o ministro, resistindo irá mais longe.

— Foi o senhor que levantou a questão?

— Acho que foi ele.

— Quando vocês estavam a sós, ou em grupo? (do lado brasileiro, o embaixador Marcílio Marques Moreira, o presidente do Banco Central e o assessor Adroaldo Moura e Silva, e do lado americano, David Mulford, James Conrow, Charles Dalara e Bruce Juba, todos envolvidos com a dívida brasileira, no Departamento do Tesouro).

— Não me lembro — respondeu o ministro

— Mas o que foi dito en passant?

O ministro começou a explicar, quando pareceu decidir-se por um outro rumo na conversa.

— Mas, ministro, o que foi dito en passant? — insistiu um repórter.

— Não me lembro — encerrou Maílson.

Ele não negaria, retomando o assunto em seguida, que uma solução para a dívida pode contribuir para aliviar as tensões na área de informática.

Não tenho nenhuma garantia, e nem pedi isso, de que o governo americano vai tomar alguma decisão (a de retaliar ou não) — continuou.

Diante de outra pergunta, ele se negaria a avaliar a extensão de uma eventual imposição das sanções, ou mesmo os prejuízos que só a ameaça tem provocado, como no caso de encomendas cancela-

das por importadores que temem pagar uma sobretaxa de 100% quando a mercadoria chegar aos EUA.

Uma advertência

O ministro Maílson da Nóbrega deixou uma ameaça nas entrelinhas, porém, ao lembrar que "nós temos dito, no Brasil, que uma retaliação poderia afetar o processo de negociação. Só isso".

Isto quer dizer, por exemplo, que a boa vontade do Brasil em pagar juros antes de um acordo de médio prazo pode acabar?

— O pagamento de juros, na medida em que as negociações progridem, é parte importante da nossa estratégia. Isso teremos que avaliar. Se e quando (ele frisou as duas palavras) houver retaliação.

Maílson reafirmou que não veio a Washington para discutir informática, mas para o seu primeiro contato com o governo americano, aproveitando as eleições para a presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento, na manhã de hoje. Ele encerrou a entrevista coletiva para chegar a tempo ao show de dois gigantes do jazz, McCoy Tyner e Freddie Hubbard, no Eximbank Americano. (M.R.)